SJB SELECTION

CRÍTICA · JAZZ

e.s.t. | *From Gagarin's Point of View*

SJB SELECTION · OUTUBRO DE 2026

Três músicos, uma só respiração

O Esbjörn Svensson Trio, mais conhecido simplesmente como e.s.t., era formado por Svensson ao piano, Dan Berglund no contrabaixo e Magnus Öström na bateria. Três músicos capazes de juntar jazz, rock, pop, eletrónica e música clássica no mesmo copo sem acabar com um cocktail impossível de beber.

Mais importante ainda: eram uma banda. O piano não mandava, e o baixo e a bateria não estavam ali para servir de papel de parede musical. Os três instrumentos dialogavam de igual para igual.

E pensar que Svensson queria originalmente ser baterista. Em adolescente, chegou mesmo a construir uma bateria improvisada com velhos baldes de tinta, tentando imitar os Sweet. Até que o seu amigo de infância Magnus Öström apareceu com uma bateria a sério... e Svensson ficou com o piano.

Felizmente, poderíamos dizer.

Mas aquele baterista frustrado nunca desapareceu por completo. Continuou escondido nas mãos do pianista, na sua abordagem rítmica, quase percussiva, ao instrumento.

A Terra vista à distância

Em 1999 surgiu *From Gagarin's Point of View*, o álbum que projetou e.s.t. para o panorama internacional.

O título nasceu de uma ideia de Magnus Öström: imaginar Yuri Gagarin, o primeiro homem no espaço, sozinho sobre a Terra, olhando de fora para tudo aquilo que nós vivemos cá em baixo.

Uma distância imensa que, de repente, muda por completo a perspetiva.

E talvez essa seja a melhor forma de entrar nesta composição.

From Gagarin's Point of View não é propriamente sobre o espaço. É sobre distância.

Olhe-se para alguma coisa de suficientemente longe e o ruído começa a desaparecer, as fronteiras esbatem-se e tudo aquilo que antes parecia separado passa a fazer parte da mesma paisagem.

A música

A música também parece flutuar.

Svensson não sente qualquer necessidade de provar o quão bom é. Deixa as notas respirar, como se abrisse uma janela entre uma frase e a seguinte. O contrabaixo de Dan Berglund acrescenta profundidade sem ocupar demasiado espaço, enquanto Magnus Öström trata o tempo quase como se fosse uma matéria elástica.

O resultado é fascinante: um trio que, de alguma forma, parece ocupar muito mais espaço do que três instrumentos deveriam conseguir ocupar.

O jazz está lá, naturalmente. Mas ao seu lado encontramos a memória melódica da pop, a energia do rock e uma sensação de liberdade que nunca sente necessidade de estar constantemente a mostrar o seu passaporte musical.

E é provavelmente aqui que e.s.t. se torna verdadeiramente e.s.t.

Não estavam a tentar tornar o jazz mais fácil. Estavam simplesmente a tornar a sala maior.

Visto daqui de cima...

Há uma bela coincidência no centro de tudo isto.

Três músicos determinados a atravessar as fronteiras tradicionais do jazz escolheram como símbolo o homem que talvez tivesse atravessado a maior fronteira de todas.

Talvez seja por isso que *From Gagarin's Point of View* continua a funcionar tão bem ainda hoje. Não é preciso perceber de jazz, analisar os acordes ou tentar descobrir onde termina a composição e começa a improvisação.

Basta ouvir três músicos a respirar juntos.

Jazz, rock, pop, música clássica?

> ***Daqui de cima, as fronteiras tornam-se minúsculas. E, finalmente, tudo o que resta é a música.***